



4º Seminário Nacional de Pesquisa e
Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

inovação e ética na pesquisa em arquitetura e urbanismo

INTERDISCIPLINARIDADE E INOVAÇÃO: DUAS PERGUNTAS SOBRE ARQUITETURA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MODERNO

Cláudia Costa Cabral

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: claudiacostacabral@gmail.com

Resumo

A interdisciplinaridade é um problema novo? De que forma a interdisciplinaridade produz inovação? As definições de dicionário trazem duas acepções complementares para o termo interdisciplinar: o que implica relações entre várias disciplinas; o que é comum a várias disciplinas. Mas o que seria interdisciplinaridade em arquitetura? Podemos falar em interdisciplinaridade, como perspectiva nova, no caso de um ofício cujo intento inaugural de definição repousou sobre uma tríade - firmatas, utilitas, venustas – que ainda hoje podemos associar às disciplinas engenharia, economia e arte? O trabalho espera problematizar o conceito de interdisciplinaridade, a partir da revisão bibliográfica da discussão contemporânea sobre o assunto, e discutir as suas possíveis implicações para os esforços disciplinares de preservação do patrimônio arquitetônico moderno.

Palavras-Chave: interdisciplinaridade, autonomia disciplinar, arquitetura moderna, preservação

ORGANIZAÇÃO



CO-ORGANIZAÇÃO



APOIO:



PROMOÇÃO:



DIVULGAÇÃO:



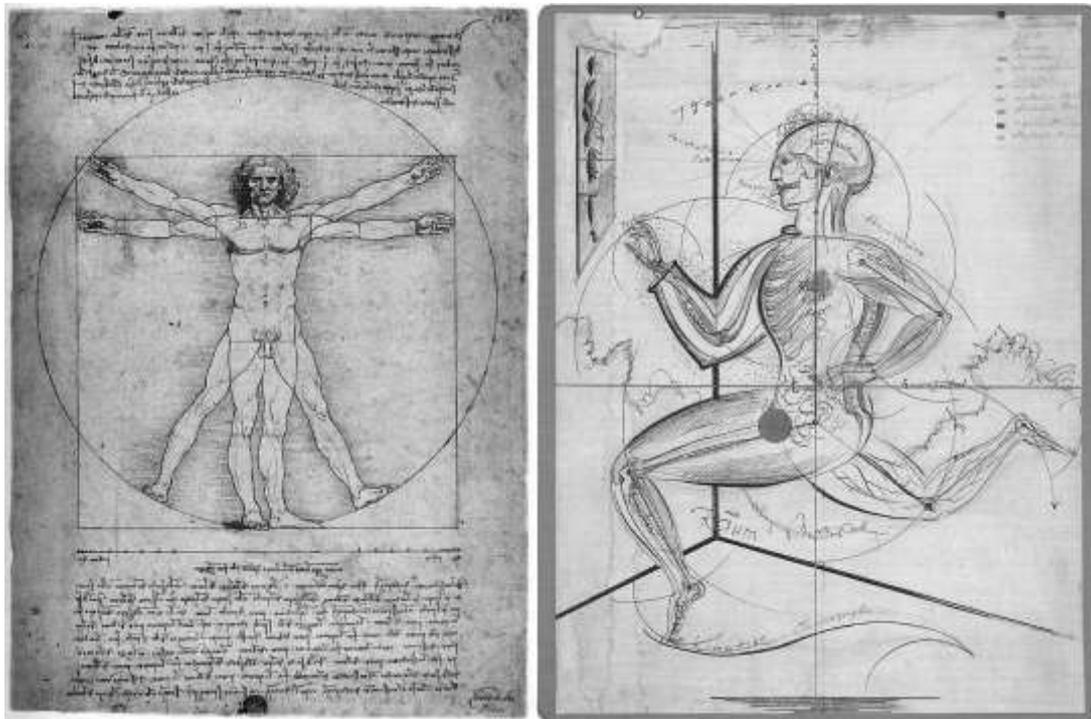


Fig. 1. Leonardo da Vinci, Homem Vitruviano, c. 1490. Fonte: Ludovico Quaroni, *Proyectar un edificio, ocho lecciones de arquitectura*, Madrid, Xarait Ediciones, 1997.

Fig. 2. Oskar Schlemmer, O homem na esfera das ideias. Bauhaus, 1928. Fonte: Jeaninne Fiedler; Peter Feierabend. *Bauhaus*. Köln: Könemann, 1999.

1. Que é interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade é um problema novo? De que forma a interdisciplinaridade produz inovação? As definições de dicionário trazem duas acepções complementares para o termo interdisciplinar: o que implica relações entre várias disciplinas; o que é comum a várias disciplinas. Mas o que seria interdisciplinaridade em arquitetura? Podemos falar em interdisciplinaridade como perspectiva nova para um ofício cujo intento inaugural de definição repousa sobre uma tríade disciplinar? O primeiro tratado conhecido sobre arquitetura, o texto de Marco Polibio Vitruvio, na dupla condição de texto fundador, referente inaugural para uma teoria da arquitetura, e compilação do saber anterior da antiguidade clássica sobre o ofício, fundamentou a sua definição na tríade *firmitas, utilitas, venustas*, atando o passado da

arquitetura e seu destino futuro ao desenvolvimento de disciplinas que hoje poderíamos associar, respectivamente, à engenharia, economia e arte.

Ontem e hoje, o território disciplinar da arquitetura parece melhor descrito como urdidura cultural, como campo de competências de múltiplas procedências, como área do conhecimento cujos contornos são, por necessidade, mais ou menos irregulares, do que como um ramo isolado do conhecimento. Visões contemporâneas, e mesmo visões exteriores à disciplina, como a que propunha o artista americano Dan Graham no conhecido texto *“A arte com relação à arquitetura. A arquitetura com relação à arte”*, seguiram percebendo-a assim, durante e após o movimento moderno:

“O movimento moderno em arquitetura é a história de dois conceitos contraditórios do papel do arquiteto: por um lado, se considera o arquiteto como um engenheiro e, por outro, um artista. O funcionalismo – desde os construtivistas russos, passando por Le Corbusier e culminando na Bauhaus de Walter Gropius – pode considerar-se um método para resolver este conflito e as contradições entre ambos sistemas de valores burgueses: o humanismo e o operativismo.”¹

O interesse na interdisciplinaridade como ferramenta de estudo no âmbito social, cultural e artístico, portanto também no arquitetônico, dificilmente pode ser qualificado como novo. E se não é difícil caracterizar o território do ofício arquitetônico como historicamente dotado de uma interdisciplinaridade quase compulsória,² também não faltam exemplos em que perspectivas extra-disciplinares contribuíram para o refinamento de interpretações críticas e historiográficas do acervo disciplinar. E isso vale para a própria historiografia da arquitetura moderna. Apenas para tornar explícito um desses exemplos, basta que se recordem as

¹ Graham, Dan. *El arte com relación a la arquitectura. La arquitectura com relación al arte*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009, p. 13. Versão em espanhol do original em inglês “Art in relation to architecture. Architecture in relation to art.”, publicado por primeira vez em *Artforum*, Fevereiro de 1979.

²Sobre a relação compulsória entre interdisciplinaridade, prática e ensino da arquitetura ver: Campomori, Mauricio J. L., “A transdisciplinaridade e o ensino de projeto de arquitetura”, *Arquitextos*, Maio 2004. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/588/>.

analogias biológicas, gastronômicas, mecânicas e lingüísticas, que Peter Collins usou para explicar o funcionalismo na formação da arquitetura moderna.³

Entretanto, o que sim pode ser observado como relativamente novo é o incremento exponencial das ocasiões em que se passou a fazer uso da expressão “interdisciplinaridade” em contextos acadêmicos e profissionais, e mesmo em certa aplicação retórica da mesma. Esse interesse súbito pela interdisciplinaridade, colocando-a como problema acadêmico autônomo e merecedor de reflexão específica, tem sido evocado, em diversas instâncias, como uma forma de superação dos limites impostos por uma confiança, talvez excessiva, na autonomia de cada disciplina para colocar e resolver os seus problemas. Tem sido defendido como perspectiva de vanguarda, e vendido como avanço; e, assim como ocorre na acepção militar de uma vanguarda, representado como o trabalho heroico de ruptura de determinadas fronteiras disciplinares cuidadosamente defendidas por hostes acadêmicas diligentes, em diversos ramos do conhecimento.

Vários artigos e livros têm abordado a questão da interdisciplinaridade no cenário brasileiro. Entre estes trabalhos, aqueles que procuram contextualizar a emergência da interdisciplinaridade em si como discussão acadêmica situam nos anos setenta o início desse processo. Indicam como referência inicial o trabalho de Gusdorf, cujas proposições acerca da interdisciplinaridade teriam sido desenvolvidas no contexto brasileiro por autores como Jupiassú e Fazenda.⁴

Em síntese, o pensamento de Gusdorf é uma crítica à fragmentação dos saberes, ou à “*amputação fundamental*” do conhecimento que ele associa ao século XIX e à expansão do trabalho científico. A acumulação quantitativa do conhecimento teve como consequência negativa a pulverização do saber em domínios cada vez mais profundos, porém limitados. A

³ Collins, Peter. *Los ideales de la arquitectura moderna; su evolución (1750-1950)*. Barcelona: Gustavo Gili, 1970. Original inglês de 1965.

⁴ Gusdorf, Georges, *Introduction aux sciences humaines*. Paris: Éditions Ophrys, 1974; “Past, present and future in interdisciplinary research future.” *Revue Internationale de Sciences Sociales*, 29: 627-648, 1977 (tradução inglesa); Japiassú, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976; Fazenda, Ivani. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1994.

esse mergulho vertical no específico, Gusdorf quer opor novas conexões horizontais, na busca por uma totalidade perdida. Para Gusdorf e seus seguidores, os processos de especialização e disciplinaridade são entendidos como doenças a serem curadas pelas práticas interdisciplinares.⁵

Muitos destes artigos assumem de modo explícito a dificuldade para produzir uma definição homogênea de interdisciplinaridade, o que não deixa de ser paradoxal, considerando as ambições unificadoras de tal plataforma.⁶ Em geral, o fazem apelando para a enumeração de um conjunto de categorias relativas. São elas: multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. As duas primeiras teriam mais que ver com a justaposição de conteúdos de disciplinas heterogêneas, ou integração de conteúdos, sem que métodos sejam alterados. A interdisciplinaridade teria que ver com a atuação mútua de várias disciplinas num interesse comum; enquanto a transdisciplinaridade corresponderia a um nível hierarquicamente superior dessas relações, onde os problemas se resolveriam independentemente das disciplinas específicas, removendo, portanto, seus limites.⁷

O próprio Gusdorf enxergou a possibilidade de que esse esforço para constituir a interdisciplinaridade como tópico de investigação pudesse redundar em certo lugar comum acadêmico, e não realmente numa nova descoberta, já que ele mesmo afirmou em 1977: *“Todos invocam a interdisciplinaridade; ninguém ousa dizer uma palavra contra isso”*.⁸

⁵ Alves, Railda; Brasileiro, Maria do Carmo; Brito, Suerde. “Interdisciplinaridade: um conceito em construção.” *Episteme*, 19: 139-148, 2004.

⁶ “Falar sobre interdisciplinaridade é hoje uma tarefa ingrata e difícil. Em boa verdade, quase impossível. Há uma dificuldade inicial – que faz todo o sentido de ser colocada – e que tem a ver com o fato de ninguém saber o que é a interdisciplinaridade. Nem as pessoas que a praticam, nem as que a teorizam, nem aquelas que a procuram definir.” Cf. Pombo, Olga. “Epistemologia da interdisciplinaridade”. *Revista do Centro de Educação e Letras*, 10: 9-40, 2008. Ver também: Pombo, Olga. “Interdisciplinaridade e integração dos saberes”. *Liinc em Revista*, Março 2005. <http://www.ibict.br/liinc/>; Alves et al. Op. cit.

⁷ Pombo, Olga. “Epistemologia da interdisciplinaridade”. *Revista do Centro de Educação e Letras*, 10: 9-40, 2008.

⁸ Gusdorf, Georges. “Past, present and future in interdisciplinary research”. *Revue Internationale de Sciences Sociales*, 29: 627-648, 1977 (tradução inglesa).

De fato, um dos pontos centrais no argumento de Gusdorf é a noção de que houve, uma vez, interdisciplinaridade, e que o século XIX é que representou uma espécie de recuo em direção à disciplinaridade. Não obstante, ainda hoje (talvez principalmente hoje), a opinião mais difundida sobre interdisciplinaridade é de que ela é sim uma novidade, e indubitavelmente, uma novidade benéfica. Para colocar um exemplo retirado da sessão sobre exercício profissional de uma revista de arquitetura brasileira de grande circulação:

“O arquiteto, comumente acomodado em seus domínios, vem sendo obrigado a abandonar sua zona de conforto para trabalhar sobre plataformas não apenas multidisciplinares, como também interdisciplinares e transdisciplinares.”⁹

A maioria desses artigos aceita tacitamente a interdisciplinaridade como panaceia. Mas não todos. Um ponto de vista interessante, e muito bem argumentado, encontra-se no artigo de Maria Cecília Minayo, “Interdisciplinaridade: funcionalidade ou utopia?” que apresenta visões sobre a interdisciplinaridade em parte contrárias às proposições iniciais de Gusdorf.¹⁰ A primeira delas, baseada em Carneiro Leão, coloca em suspenso o potencial pretensamente crítico e transformador da visão humanista de interdisciplinaridade defendido por Gusdorf, revelando a sua funcionalidade para o *status quo*. A interdisciplinaridade seria uma necessidade operativa para que o conhecimento científico continue sendo produzido e transmitido nos mesmos termos. A segunda visão a que se refere o artigo, e a mais interessante para o nosso caso, é a visão de Sinaceur. Embora a palavra interdisciplinaridade seja recente, Sinaceur observa que nenhuma disciplina realmente prescindiu de sua prática: “aquilo que se conhece como revolução galileana consistiu no acoplamento de duas disciplinas, antes separadas, a matemática e a física.”¹¹ Mas a emergência dessas novas unidades só foi possível diante de um saber compartilhado, de uma “dupla competência” em ambas áreas em

⁹ “O papel do arquiteto em projetos interdisciplinares.” *Revista AU*, Outubro 2010.
<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/199/>.

¹⁰ Minayo, Maria Cecília de Souza. “Interdisciplinaridade: funcionalidade ou utopia?” *Saúde e Sociedade*, 3:42-64, 1994.

¹¹ Sinaceur, Mohammed Allal. “What is interdisciplinarity?”. *Revue Internationale de Sciences Sociales*, 29: 571-579, 1977 (conforme a tradução inglesa).

colaboração. A interdisciplinaridade não produz conhecimento novo, a menos que os praticantes de uma disciplina sejam capazes de apropriar-se de outra disciplina, e desempenhar-se no interior desta outra disciplina no mesmo padrão de rigor que ela utiliza para colocar os seus problemas.¹² A posição de Sinaceur é uma valorização do saber disciplinar, e como destaca Minayo, implicitamente, retira o tapete da ideia de interdisciplinaridade como panaceia acadêmica.¹³ Para Sinaceur, a interdisciplinaridade:

“... quando transferida para as universidades (onde os problemas são estudados, mas não decididos) fica perdida em discussões sobre a relação entre as disciplinas, entre a especialização e a tentação de discernir as premissas de uma nova filosofia coordenadora, de síntese e unificação”.¹⁴

Mas há um aspecto desse argumento que interessa às discussões sobre a preservação do patrimônio arquitetônico. Sinaceur identifica um âmbito onde a interdisciplinaridade se justifica: o âmbito político da ação. O terreno fértil para as atitudes interdisciplinares são as ciências aplicadas, em situações nas quais é preciso tomar “*decisões informadas*”, e onde a ciência precisa abrir-se ao “*juízo externo*”.¹⁵

“E de fato, a atitude interdisciplinar consiste na preocupação com a correlação irredutível e a simples justaposição, com a montagem a partir de juízos particulares derivados de dadas especializações. A razão é que a perspectiva interdisciplinar não pode ser satisfeita por essa ‘síntese’, pois se uma disciplina não é suficiente para dar conteúdo significativo a uma ação que se deseja tomar, uma disciplina múltipla também não pode fazê-lo.”¹⁶

¹² “Precisamos recordar que a interdisciplinaridade, em sua conotação precisa, e mesmo se isso sempre existiu, não produz uma forma de conhecimento, e dessa uma práxis científica, a menos que a disciplina usuária (e portanto seus praticantes) se aproprie do que é necessário para colocar problemas nos termos rigorosos da disciplina utilizada. Isso significa que a colaboração entre duas disciplinas exige a dupla competência, e a interdisciplinaridade exige a competência em tantas áreas quantas se espera colocar em cooperação”. Sinaceur, op. cit., 575.

¹³ Minayo, op. cit., 57.

¹⁴ Sinaceur, op. cit., 578.

¹⁵ Idem, 576.

¹⁶ Idem, 576.

A interdisciplinaridade é a reunião da “informação” derivada de diferentes disciplinas com o objetivo comum de tomar uma decisão informada; mas, embora a “decisão seja um fim que faz da diversidade uma virtude, ela não pertence à categoria do conhecimento, mas da ação”.¹⁷ Em sua melhor chance, a interdisciplinaridade seria o “tecido flexível” que entrelaça as informações produzidas no interior de diferentes disciplinas, para que sejam usadas no interesse de uma ação sobre a realidade. E essa ação não exclui o sentido político, de capacidade de comunicação e convencimento entre as disciplinas.¹⁸

2. Qual a contribuição da discussão contemporânea sobre interdisciplinaridade para os esforços (disciplinares) de preservação da arquitetura moderna?

Como assinalou Solà-Morales, a emergência do projeto moderno correspondeu ao desaparecimento da tratadística, ou de uma teoria arquitetônica unificadora como fundamentação obrigatória para a prática. A teoria da arquitetura abandona a intenção sistemática e homogênea, e tende a desenvolver-se a partir de narrativas parciais, mais ou menos especializadas, que discorrem em paralelo sobre questões de eficiência técnica, problemas sociais, aspectos higiênicos ou psicológicos e estéticos.¹⁹

É difícil falar em interdisciplinaridade, no sentido geral do termo, como uma perspectiva nova para a arquitetura, uma disciplina cuja teoria se organiza, cada vez mais, como conjunto de discursos. Ao mesmo tempo, não é tão simples afirmar que os momentos de maior avanço tenham coincidido com movimentos de abertura a outras disciplinas, e não com o movimento de sentido oposto, que teria que ver mais com o esforço de autoconhecimento empregado para precisar o seu papel diante dessas outras disciplinas.

No início do século XIX o papel atribuído à história era o de estabelecer-se como o discurso que busca e revela as diferentes fontes de que se utilizava a arquitetura, ou os antecedentes que

¹⁷ Idem, 578.

¹⁸ Idem, 579.

¹⁹ Solà-Morales, Ignasi. “Prácticas teóricas, prácticas históricas, prácticas arquitectónicas.”, In *Inscripciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2003, 257.

serviam de referência às alusões historicistas. O surgimento da história da arte, ao final do século XIX, como uma especialização acadêmica, com seus métodos e objetivos característicos, que permitiram diferenciá-la da história geral, é que, à continuação, conduziu ao reconhecimento da história da arquitetura como campo específico, e ao surgimento de uma tradição de estudiosos que puderam considerar-se historiadores de arquitetura, tais como Viollet-le-Duc e Choisy, da qual seriam herdeiros os historiadores do século XX.²⁰

Ainda que o formalismo não se faça corresponder com uma única escola historiográfica, foi a partir dessa perspectiva que começou a constituir-se, em meados do século XIX, uma reação à concepção heterônoma da arte, segundo a qual esta permanecia subordinada a outra classe de atividades intelectuais, principalmente a filosófica.²¹ Seja através de Fiedler, Riegl ou Wölfflin, o formalismo buscou a construção de critérios de identidade próprios para a definição de história da arte como disciplina autônoma. A história da arte deixa de ser um fenômeno subsidiário com relação à história política e social das nações, e passa a refletir sobre um objeto de estudo próprio, que tem que ver estritamente com a concepção da forma, em suas múltiplas manifestações. Estas obedecem a princípios de evolução internamente constituídos, que, ainda que possam ser referidos a razões de ordem religiosa, social ou ideológica, não tem a sua origem em causas externas. Mesmo que essas motivações se façam presentes na obra, aquilo que a constitui como arte, e portanto, a torna relevante para a atenção do historiador, é o seu propósito artístico, que não pode ser reduzido a nenhuma classe de motivação exterior. A formulação da autonomia consiste, tanto na história da arte quanto na história da arquitetura, em definir as séries de objetos que merecem integrar o sistema das artes, bem como articular as relações entre a arte do passado e a arte do presente, desde princípios formais internos à obra, e não sobre referentes externos.²²

²⁰ Vidler, Anthony. “Los territorios de la historia de la arquitectura” In *Inscripciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2003, 8.

²¹ Pérez Carreño, Francisca. “El formalismo y el desarrollo de la historia del arte”. In *Historia de las ideas estéticas y de las teorías artísticas contemporáneas*, v. II, org. Valeriano Bozal, 189. Madrid: visor, 1996.

²² Pérez Carreño, op. cit., 192.

Essencial para a constituição de uma crítica da arquitetura, esse movimento consistiu, como visto, não em uma abertura, mas num processo de especialização, ou de sucessivos cortes. Com a perspectiva formalista, a crítica de arquitetura foi se tornando progressivamente mais independente da visão da história geral, e mesmo da história geral da arte. Tecnicamente, os critérios da crítica formalista contribuíram para separar a historiografia da arquitetura da história em geral, e para reforçar a autonomia disciplinar.

A discussão contemporânea sobre a interdisciplinaridade pode ser relacionada à arquitetura de dois modos: de um lado, como produção de conhecimento novo; e de outro, como organização para a ação, retomando o argumento de Sinaceur. De um ponto de vista acadêmico, a visão formalista não é, evidentemente, a única perspectiva historiográfica possível, nem a mais recente, nem sequer é necessariamente a melhor, dependendo das perguntas que se deseja responder.²³ Mas ela pode ser considerada vital, quando se trata de fazer frente a esse segundo lado da questão apontado por Sinaceur, a interdisciplinaridade como reunião da informação elaborada em distintos âmbitos disciplinares, com o intuito de auxiliar na tomada de “*decisões informadas*”, submetidas a julgamento externo, visando a ação sobre a realidade.

Essa perspectiva descreve suficientemente as ações de preservação do patrimônio arquitetônico em geral. Mas ao contrário do produto acadêmico, que pode esperar nas prateleiras, a ação de preservação depende de convencimento social e político para frutificar. O problema é que é muito mais difícil convencer a sociedade da necessidade de preservar o patrimônio recente, do que da necessidade de preservar edifícios simplesmente “antigos”. E mais ainda no caso da arquitetura moderna. No caso do patrimônio arquitetônico moderno, para saber o que deve ser preservado - em primeiro lugar -, e para convencer a sociedade de que deve ser preservado - em segundo lugar -, é preciso estabelecer juízos de valor arquitetônico, que dependerão de critérios formais. E isso tampouco é automático.

²³ Para o desenvolvimento do assunto ver: Cabral, Claudia Costa. “Sobre unidades e conceitos: perspectivas históricas e perspectivas teóricas no trabalho de crítica em arquitetura”. In *II Seminário Arquitetura e Conceito*, Belo Horizonte: UFMG, 2005.

Se a arquitetura quiser ter uma opinião forte dentro de uma equipe interdisciplinar, precisa primeiro saber colocar as suas perguntas disciplinares (o que preservar, por que preservar, como preservar, do ponto de vista da arquitetura), no mesmo nível de rigor que cobram as ciências com cujos especialistas vai dialogar. O velho problema, o problema real, é o de afinar os instrumentos metodológicos, clarificar os conceitos, refinar as nomenclaturas, para articular um discurso coerente, suficientemente claro e comunicável às demais disciplinas. Será que este trabalho, por excelência disciplinar, já está feito?

Referências

- Alves, Railda; Brasileiro, Maria do Carmo; Brito, Suerde. "Interdisciplinaridade: um conceito em construção." *Episteme*, 19: 139-148, 2004.
- Campomori, Mauricio. "A transdisciplinaridade e o ensino de projeto de arquitetura". *Arquitextos*, Maio 2004.
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/588/> .
- Cabral, Cláudia Costa. "Sobre unidades e conceitos: perspectivas históricas e perspectivas teóricas no trabalho de crítica em arquitetura". In: *II Seminário Arquitetura e Conceito*, Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- Fazenda, Ivani. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. Campinas: Papyrus, 1994.
- Gusdorf, Georges. "Past, present and future in interdisciplinary research future." *Revue Internationale de Sciences Sociales*, 29: 627-648, 1977.
- Graham, Dan. *El arte con relación a la arquitectura. La arquitectura con relación al arte*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.
- Japiassú, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Minayo, Maria Cecília de Souza. "Interdisciplinaridade: funcionalidade ou utopia?" *Saúde e Sociedade*, 3:42-64, 1994.
- Pérez Carreño, Francisca. "El formalismo y el desarrollo de la historia del arte". In: *Historia de las ideas estéticas y de las teorías artísticas contemporáneas*, v. II, org. Valeriano Bozal, 189. Madrid: Visor, 1996.
- Pombo, Olga. "Epistemologia da interdisciplinaridade". *Revista do Centro de Educação e Letras*, 10: 9-40, 2008.
- _. "Interdisciplinaridade e integração dos saberes". *Liinc em Revista*, Março 2005.
<http://www.ibict.br/liinc/>



4º Seminário Nacional de Pesquisa e
Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

inovação e ética na pesquisa em arquitetura e urbanismo

Solà-Morales, Ignasi. “Prácticas teóricas, prácticas históricas, prácticas arquitectónicas.”, In *Inscripciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

Sinaceur, Mohammed Allal. “What is interdisciplinarity?”. *Revue Internationale de Sciences Sociales*, 29: 571-579, 1977.

Vidler, Anthony. “Los territorios de la historia de la arquitectura” In: *Inscripciones*, Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

ORGANIZAÇÃO



CO-ORGANIZAÇÃO



APOIO:



PROMOÇÃO:



DIVULGAÇÃO:

vitruvius